

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

## MODAS.



Um baile já não apresenta novidade que não esteja remarcada nas pequenas carteiras do mundo elegante. — Disse-o um escriptor, cujas produções muito aprecio; mas disse-o porque não teve occasião de conversar commigo, ou com outra qualquer pessoa que alimente a mesma idéa que eu tenho de ainda um dia descrever um baile.

Hei de declarar-vos, domingo que vem, essa minha idéa, querida leitora, e decidireis se tenho ou não razão em me oppor á opinião do escriptor.

Por quem sois, não vos zanguéis commigo: amo-vos sem vos conhecer talvez; mas amo-vos porque sois uma das senhoras que sustentais este *Jornal*; ser-me-hia penoso se voluntariamente demorasse a vossa curiosidade. Não vos declaro já a minha idéa, querida leitora, porque deu ella um artigo maior do que eu esperava, e a typographia poz-lhe embargos desta vez; demais tenho de dar-vos conta de alguns dos ricos e delicados *toilettes* que estreirão no baile do *Cassino*; tudo isso já longe, se me consentissem, e o *Jornal das Senhoras* se tornaria enxabido, sem o sal das variedades, tempêro essencial da grande panella do mundo.

Se o escriptor, que não acha novidade n'um baile, estivesse ao canto de algum dos illuminados salões do *Cassino*, e curvando-se reverente ante o angelico sorriso da Magestade, ao erguer-

se lançasse a vista sobre o seu elegante vestuario preto, de subito valor, de um gosto delicadissimo; diria satisfeito: — Encontrei uma novidade! *Ella* traja o luto dos soberanos, e o seu ocação as galas do Céu: o pobre e o poderoso tem ali igual valor.

Se depois elle visse passar-lhe, rapido como um — ai! — um *toilette* de meio luto — vestido preto de *moire antique*, ornado de dous folhos de renda larga com galão de ouro matizado de seda, e sobre os primeiros pannos da frente da saia uma grinalda de rubras rosas semi-abertas, em graciosas sanefas; uma cintura de sylphide; um valsar ligeiro e leve.... Que dirieis, escriptor? Não ousou interpretar vossas emoções; porém acredito que haviéis de achar muitissimo adoravel esse *toilette*.

Vós mesmo depois, convertido e preso de amores, serieis o proprio a vir dizer-me que o vestido da Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Francisca de.... era magnifico — de *drap d'or*, lavrado, azul, com berthe-Fontanges, de filó e de renda de ouro, e folhagem de seda azul. Penteado com enfeite de renda de ouro e folhagem de seda azul.

Que a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Delphina M.... trajava um rico vestido de nobreza branca com tres folhos matizados, de um bello effeito; cabeção á Fontanges, enfeitado de renda matizada, bordada de frocos e laços de fita dourada.

Que a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Luiza F.... tinha um gracioso vestido de nobreza cõr de rosa com tres folhos lavrados, de seda branca, cabeção á Fontanges; grinalda e ramo de rosas de *Batton*, enfeitando o penteado.

Que a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Elvira B... trajava um lindo e caprichoso vestido de filó azul bordado de prata, enfeitadas as saias de tiras de plumas azues e brancas, e rogaçadas por flores azues e plumas brancas.

Que a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Josephina R.... estrea-va um vestido de nobreza cõr de ouro com folhos bordados de seda preta e escarlata, corpo á grega; de um magnifico effeito. Sua grinalda e ramo de peito de uvas pretas estavam mesmo de embriagar.

Que a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Anna H.... trajava um vestido de muito gosto, de setim cor de canua, coberto de renda preta. Grinalda e ramo do peito, cor de rosa.

Que as delicadas e estimaveis filhas da Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Anna D... trajação, ambas, vestidos iguaes, de uma encantadora propriedade a jovens senhoras solteiras.

Que em geral não havia um só *toilette* que não fosse encantador e de muito bom-ton.

Que finalmente não me dava a relação de todos elles, por serem muitos, e não lhe poder ficar em lembrança as côres dos vestidos, os titulos das

sedas, das rendas, das berthes, dos fofos, dos penteados, dos enfeites, e os nomes de todas as quatrocentas e cincoenta senhoras que abrilhantavam o baile do *Cassino*.

E que vos parece?! Pois havia, querida leitora, o espirituoso escriptor havia dizer-me tudo isto; e por fim confessaria — que um baile sempre tem novidade desde que ha moças intelligentes que lhe fulminão o coração.

Dou-lhe razão; não se diverte com o prazer do seu próximo.

Parece porém que basta de tagarellar sobre bailes, querida leitora. Vou fazer uma ligeira observação a respeito do figurino com vestido de manto, que vos offereço hoje.

Está restaurada em França a antiga etiqueta do vestido de manto para as apresentações em palacio ou grandes reuniões de cõrte. As senhoras neste *toilette* podem trajar sedas de côres claras, sendo o manto sempre da mesma fazenda e cõr do vestido. Para nós tal etiqueta não está em voga, comquanto algumas senhoras de cõrte estrangeira já se tenham assim apresentado no Paço da Boa Vista; tirai porém desse *toilette* o gracioso manto, e ficareis com um riquissimo vestido de grande baile de cõrte.

E boas noites, querida leitora.

Christina.

Cattete, 21 de Julho.

## DESCRIPÇÃO DAS ESTAMPAS.

### ESTAMPA N. 586.

VESTUARIO PARA GRANDE REUNIÃO DE CORTE, E PARA BAILE TIRANDO-LHE O MANTO.— Penteado de corte, cabello á *Eugénie*, ornado de plumas e barbas de renda presas á trança, fluctuando sobre as costas.

Vestido de *moire antique*, cõr de rosa, com tres ordens de folhos de renda, ponto de Inglaterra, guarnecendo a saia. Sobre a costura de cada folho circula uma ordem de primorosa folhagem prateada, cujo trabalho, avaliando pelas amostras que temos á vista, é de uma delicadeza inexplicavel. São pequenas folhas de seda abrilhantadas aqui e ali por um tecido irregular de fio de prata, presas umas ás outras em guiza de fita, que se cortão á disposição do enfeite, ou tomão as fórmãs que se lhes quer-dar.

Cabeção de pregas soltas, adiante e atraz, guarnecido de um apañhado de renda, ponto de Inglaterra.

Corpo de bico, adiante e atraz. Mangas sofas muito curtas.

Manto de *moire antique*, cor de rosa, enriquecido por uma guarnição de renda, ponto de Inglaterra, orlada com a mesma folhagem, e um fofõ estreito resguardando o recortado da renda.

### ESTAMPA N. 592.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA NO INVERNO.— *Robe de chambre* de cachemira, com *casawick* da mesma fazenda, orlado de fita de veludo, mangas mui largas enfeitadas de franja de côres.

Meia touca ornada de laços de fita de veludo azul, de pontas fluctuantes.

VESTUARIO DE PASSEIO.— Vestido de nobreza preta com dous folhos de disposição, listrados, de setim verde.

*Pelisse* de nobreza, da mesma cõr, com capuz, enfeitada com iguaes disposições dos folhos.

Chapéu de veludo verde, ornado de plumas verdes, crespas, de um e outro lado.

## CHRONICA DOS SALÕES.

Que semana, queridas leitoras! Como animados e brilhantes estiverão os nossos elegantes salões! E não adiviniais quem motivou tanta animação no mundo elegante fluminense?—O baile do *Cassino*; mas o baile do *Cassino* honrado por Suas Magestades Imperiaes. Foi bastante o annuncio, para se operar um extraordinario movimento nos circulos do grande tom, e todos os nossos brilhantes salões estiverão concorridos e animados durante a semana.

Não vos fatigarei com a narração do pomposo baile do *Cassino*, na noite de segunda-feira, com a sua concurrencia de mais de oitocentas pessoas; não; nada vos direi a esse respeito; essa bella missão compete á nossa linda e espirituosa Christina; ella já vos descreveu tão bem o baile e os seus lindissimos *toilettes*, no principio desta folha, que seria uma verdadeira profanação, ainda demorar-me sobre este assumpto.

Mas tenho muita cousa que vos contar, muitos bailes, muitos *soirées*; que esta semana foi toda ella alegre e animada, como um estudante em ferias.

Fallemos do baile da *Vestal*. O Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio de Saldanha tem levado esta sociedade ao auge do brilhantismo; e adicionando agora aos bailes a cantoria, tem chamado ao seu salão uma escolhida concurrencia. Na noite de sabbado concorrerão ao baile duzentas e oitenta e seis senhoras, e trezentos e quatorze cavalheiros: a abundancia e o brilho das luzes, o traçar delicado e escolhido das bellas moças, seu espirito elevado, suas graciosas maneiras, a viveza dos olhos, e sobretudo a parte harmoniosa do baile, fizerão com que se passasse uma noite deliciosa. As senhoras que cantarão, e o cavalheiro, de tão bella e excellente voz, extasiarão. Mas o que esteve acima de todos os nossos elogios foi a rabeca do Sr. Francelino Moura, artista pernambucano, que n'umas difíceis variações demonstrou todo o seu talento musical; e a fantasia de piano executada por uma gentil e formosa menina de oito annos de idade.

E a brilhante pleiade de lindas moças que aformosearão o salão? A bella C....., com sua viveza, seu espirito, seus bellos olhos pretos, era uma das estrellas do baile; as duas filhas do presidente, dous anjos; a sua prima, uma fada. Mas um vestido de setim rosa, com quatro folhos que realçavam um esbelto talhe, era uma sylphide que arrebatava a imaginação! E muitas outras bellas, e muitos outros anjos, que enumerar-las seria bastante longo.

No domingo, para o lado do Botafogo, gozou-se uma bella noite, dançando-se e cantando-se. A Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. R...., na aria do *Ernani*, esteve divina, e a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. M. J.... arrebatou freneticos applausos, quando ao piano executou as mais difíceis variações, do gosto, que tenho ouvido. Erão annos da mimosa filha de um nosso bravo militar.

Na terça-feira, para commemorar o primeiro anniversario de um feliz casamento, houve um modesto chá n'um dos arrabaldes de S. Chris-

tovão, aonde lindissimas moças e espirituosos mancebos passarão uma noite divertida. Cantou-se muito, e pouco dançou-se; mas houverão bonitos improvisos, primando uma joven Catharinense, e o Sr. Innocencio Rego, que depois de um bem traçado soneto, sobre o assumpto do dia, improvisou lindas letras á modinha brasileira — *Alta noite!* — e que foram cantadas tão divinamente pela Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Emilia.....

Na quarta-feira os Militares derão á sua reunião de recreio, e como sempre tocou ao brilhantismo. A numerosa e escolhida concurrencia, com o que ha de mais elegante nos circulos fluminenses, o bouquet de tantas lindas moças, com os mais ricos *toilettes*, e a amabilidade dos nossos distinctos defensores da patria, que não cessarão de prodigalizar immensos obsequios aos seus numerosos convidados, tudo tornou esse baile mui brilhante, e hoje é o segundo baile da corte.

A maior parte das senhoras distinguirão-se pelo bom gosto e riqueza de seus *toilettes*, e merecerão por isto menção honrosa um lindo vestido de seda de Italia cõr de palha, um bello *toilette* rosa de seda bayadères de folhos bordados ( de Wallerstein ), e um de nobreza furta-côres, e dous outros brancos de *brocatel*. No numerozo concurso de tantas lindas moças, tornarão-se dignas de toda a attenção as duas jovens irmãas, toucadas de azul, lindas e encantadoras por demais a ameigar affeições n'um terno e sensível coração; as duas irmãas de *toilette* de bareje de seda escarlate, com basquines de filô branco; as duas irmãas vestidas de nobreza cõr de canario; a interessante flor de um dos nossos arrebalde; e muitas outras jovens senhoras.

Na quinta-feira a sociedade *Recreio Fluminense*, deu tambem a sua reunião, que esteve muito concorrida: a representação foi o melhor possivel; os intervallos mais que interessantes, e o baile muito animado.

Muitas das principaes flores dos nossos salões lá estiverão conquistando milhares de adoradores. A mimosa C.... as duas irmãas, que morão na rua de S. Diogo; a sympathica M. I....; a feiteira J.... e a encantadora E....; tudo isto formava uma corõa de estrellas que coroaão a reunião da sociedade — *Recreio Fluminense* — com mil eucantos e seduccões.

— E esta? — não me ia esquecendo contar-vos que a *Harmonia Nitheroyense* deu no sabbado tambem o seu baile mensal, que foi por demais numerozo e brilhante! Não me perguntem porrêm quaes erão as lindas moças que lá estiverão porque a vossa Francina não pôde emitir a sua opinião, visto que não esteve no baile; salvo se quizerem estar pelo que lhe contou um dos nossos *dandys* que deixou o baile da *Vestal* pelo da *Harmonia*. Este bello moçetão, que dança a schotisch como um perfeito elegante, disse-me que as moças mais lindas erão, a bella Argentina, a mimosa Carolina, a sympathica L...., e o

bonito *toilette* azul de *moire antique*. Mas eu confesso que não sei se devo acreditar nisto; este joven tem demonstrado tão mau gosto nas suas escolhas, que é bom não nos guiarmos muito pelo que elle diz.

Para a completa animação e brilhantismo da semana, casarão-se duss bellas e interessantes jovens brasileiras, mimosas flores dos nossos ele-

gantes salões: praza ao Céu que um futuro todo venturoso corôe a união destes conjuges.

A semana funda-se com o baile da *Campestre* hoje; para elle nos vamos preparar, e por isso envio um abraço ás minhas amáveis leitoras, e um adeus até domingo.

Francina Osenia.

22 de julho de 1854.

## AMOR, CIUME E VINGANÇA.

NOVELLA BRASILEIRA.

### § I.

Aquelles que já navegáram pelo rio de Iguassú devem recordar-se de uma vasta e bella campina, situada á sua margem direita, e distante tres leguas da barra. No meio della está edificado o convento de S. Bento, velha, pequena, mas pittoresca igreja, rodeada de vinte a trinta choupanas. O rio magestosamente atravessa a campina, despejando suas brancas aguas por entre mil belezas naturaes, amenas planicies, lindissimas montanhas. De outro lado se avista a freguezia de N. S. do Pilar, querendo elevar seus lectos e a torre esbelta de sua igreja além do cimo das arvores, que em vão pretendem encobri-los. O silencio da solidão enche no entanto todo este sitio aprazivel; apenas vem por vezes interrompelo o monotonico cantico dos barqueiros que passão. Tudo parece manifestar o nada da existencia a par dos prazeres mudanos, o silencio do tumulto ao lado das alegrias da vida; tudo enfim, revela a immensidade da natureza, o poder do Creator, e a fraqueza do homem.

Oh! que felicidade não é o respirar essa atmospherá melancolica dos bosques, esse aroma virginal das florestas! Ditoso aquelle que, desdinhando pequenas ambições do mundo, esquecido de prejuizos, nasce, vive e morre de todos ignorado, e, entretanto, gozando das delicias da natureza, no proprio seio dos prodigios da grandeza do Creator! Como então docemente se desliza a vida do homem, sem sobresaltos e sem dor, longe dessas angústias mortaes, desses tormentos da sociedade que só servem para debilitar as nossas faculdades moraes, e, de envolta com ellas, estragar o corpo, e preparar o sepulcro! Vida serena, tranquilla, como aquella que devem viver os anjos no paraizo.

Ali, em uma daquellas pequenas choupanas, nasceu, educou-se e chegou á idade de 15 annos a mais bella e formosa donzella que jámais virão semelhantes logares. Havia tanta graça em toda a sua physionomia, tanta meiguice no seu sorriso, tanta candura no seu olhar que ninguém a poderia ver e resistir á seus encantos.

Maria era seu nome, nome de bella sem duvida; nome da Santissima Virgem, que exprime toda a doçura de uma alma candida, que revela toda a pureza de um coração de anjo. Ella havia

passado os bellos periodos de sua infancia ao lado de Adolpho; a par dos annos que roubava ao tempo, sorvia o nectar das paixões, saboreava as delicias do amor. E elle tambem a estimava como sua irmã, amava-a já como sua esposa, e adorava-a como se fóra a propria mãe do Redemptor, que dos céos baixasse para salvar os homens.

Um amor destes não se extingue... Foi o alimento da infancia, cresceu e progrediu com os annos, sancionou-se com os primeiros abraços, os primeiros osculos e os primeiros carinhos que balbucião dous entes, apenas encetando a carreira da vida; amor puro, sincero, vehemente, profundo, eterno, que sobrevive á propria existencia no mundo.

Querereis por ventura arrancar-lhes d'alma essa paixão de fogo, esse sentimento puro do coração? Mas já elle se havia empossado de todas as suas faculdades.— Não era mais tempo para dizer ao coração: não sintas, não lhe consagres adoração.— Nem forças humanas, nem poder divino seriam capazes de servir de obstaculo, de oppôr-se á torrente de seus destinos.

Suas almas jovens, candidas e puras, estavam fortemente dominadas pela paixão; e mais facil seria fazer parar o sol, como Josué; abrir passagem por entre as ondas irritadas do Oceano, como Moysés; arrancar do cahos o mundo, como o Creator do Universo, do que obrigar esses corações a não palpitem mais um pelo outro.

Já a capella do convento tinha ouvido seus juramentos de eterno amor; mutuas promessas de perpetua estima haviam elles feito perante Deus. Sua existencia, sua vida, estava ligada a essa paixão, della dependia. Deixai-os, portanto, amar-se.

### § II.

Um triste acontecimento, porém, veio perturbar a alegria dos dous amantes. O velho Alberto, pai de Maria, vivia de layoura, e estava bastante individualizado para com um negociante de escravos do Rio de Janeiro, que lhe havia vendido alguns a mui subido preço; e o barbaro credor ha tempos que o ameaçava com uma penhora em seus bens. Não contente de tanto affligir o infeliz velho, esse deshumano quer ainda gozar do prazaz brutal de o ver a seus pés, im-

plorando a graça de alguns mezes de espera para seu total embolso. Deixa a cidade, chega a S. Bento, e vai hospedar-se em casa de um vizinho de Alberto, seu particular inimigo, na intenção de ainda mais prejudicar a sua reputação.

A vista, no entanto, de Maria basta para abrandar esse coração de pedra, basta para submeter e curvar essa alma de bronze, habituada ao infame tráfico da carne humana. Elle se esquece da dívida, implora o perdão das offensas, e depõe nas mãos da formosa donzella a sua sorte e a sua vida.

Como poderia Alberto recusar-lhe a mão de sua filha? Comprava, é verdade, a felicidade della, mas á custa da sua honra, de sua reputação, que se achavão empenhadas na mão desse homem egoísta. E, acaso, as circumstancias pecuniarias de seu pai não impunhão a uma filha virtuosa e amante o dever de por elle sacrificar-se? Não devia ella deixar de parte seu amor, esquecer-se de seu amante, e resignar-se á sorte que se lhe offerecia?

Sim, e a candida Maria o prometteu fazer; infeliz para sempre seria, é verdade, porque ella não amava esse homem, antes o aborrecia, mas salvava seu pai, salvava aquelle a quem devia a existência, que agora lhe convinha sacrificar em pagamento.

Chorou e bastante, foi o unico lenitivo que teve: as lagrimas, com quanto mitiguem a dor, não nos roubão, contudo, o soffrimento. No dia seguinte, sem que nada contasse a seu amante, sem que mesmo podesse dizer o adeus, talvez derradeiro, embarcárão-se todos em uma lancha de Iguassú que seguia viagem para o Rio de Janeiro.

Oh! como devia ser triste e pezaroso o momento em que ella deixou o seu berço, a terra dos seus amores!... Não é um sonho de imaginação a dor que então nos opprime; antes o fosse, porque a realidade breve substituiria tão duro presente, porque sempre a esperança abrandaria o actual soffrimento.

Deixar a terra onde correu a nossa existência limpa e tranquilla, como um desses regatos que doce e mollemente se despenhão por entre perolas e diamantes! Desamparar o paiz onde á sombra das arvores, ao ruido das torrentes, ao rumor dos bosques, ao sussurro dos ventos, mil vezes nos repousámos de nossas fadigas, mil vezes recuperámos a vida!

Deixar o lugar em que soltámos o primeiro gemido, balbuciamos a primeira palavra, e ainda no patamal da vida aprendemos a recitar uma supplica branda e innocente por aquelles que nos abrirão as portas della!

E o amor que ali pela primeira vez sentimos e conhecemos, primeiro amor d'alma e do coração, que resiste ao tempo e a suas phases, á idade, e á sua mesma inconstancia! Oh! sem dúvida que ella, essa rosa que então começava a desabrochar aos raios da madrugada, tinha toda a razão de soffrir, chorar e maldizer o seu destino!

Quando aos olhos de Maria foi pouco a pouco desaparecendo o convento de S. Bento e o ar-raial que o circumda, ella não pôde suster-se, e,

repousando sua fronte abrasada sobre os braços de seu pai, desfez-se em copioso pranto.

— São saudades da terra natal, disse o velho Alberto.

— Oh! meu pai, já vos esquecesteis delle... Eu nunca o poderei fazer....

### § III.

Um anno é decorrido depois desse dia triste em que deixou Maria o seu paiz natal. Ella se havia casado no Rio, e conservava seu pai em sua companhia. Acaso teria esquecido Adolpho? Nos braços de outrem, no meio dos suspiros voluptuosos de esposa, não escaparia um, dedicado a esse que outr'ora dominára seu coração, a trahira seu pensamento? E correria, por ventura, sua vida no seio dos prazeres e da felicidade domestica?

Ao menos, se alguma dor lhe estreitava o coração, se soffrimentos domesticos lhe encurtavão a existência, ninguém o sabia. Era um segredo entre ella e o Céu. Seu proprio pai o ignorava, e a considerava feliz, já porque ella o enchia de carinhos, já porque de nada se queixava, cumprindo sempre os deveres de boa e obediente esposa.

Adolpho e Maria, desde esse dia terrivel da separação, não se tinham mais visto.

Elle, apenas soube que ella estava ligada a outro homem, que já não podia ser sua, que o fio de seus destinos se havia para sempre rompido, vendeu o que possuía em S. Bento, deixou o lugar em que nascera, e em que amara... e foi estabelecer-se na villa de Vassouras, que se acha situada em cima das Serras, a doze legoas de distancia de Iguassú, e seis de Valeença.

Comprou uma pequena fazenda situada no mais aprazivel lugar daquelle districto. Estava a casa de vivenda edificada em cima de um monte lindissimo; dir-se-hia uma corôa de brilhantes cingindo a fronte de monarchas. Uma vasta campina entrecortada por um pequeno regato se extendia adiante della, até perder-se na seio de uma immensa e magestosa floresta. Adolpho ia por vezes alli mitigar sua dor, alliviar seu soffrimento. A grandeza do Creator parecia cifrar-se toda naquella floresta. Arvores gigantescas elevavão suas frentes até ao perder de vista, atravessando pitorescamente os ares, e balanceando seus ramos ao pequeno sopro da atmospheria. Outras erguião-se da terra esbeltas e direitas, parecendo levar aos pés de Deus as preces do homem. — Aquellas, como que não podendo sustentar-se, corcovavão-se todas, como serpentes que se enrolão. — E' sem dúvida uma floresta virgem o mais pomposo espectáculo do Brasil, o unico que revela toda a magnificencia da natureza, toda a força do Creator e toda a magestade do solo.

Era a noite do setimo dia de abril. Uma terrivel tempestade fazia estremeecer e roncuar as serras chamadas do Verneck. As tropas e os passageiros estavam todos arranchados nas pequenas choupanas de palha, que, de distancia em distancia, se succedem na serra. As arvores curvavão-se com a força do vento, gemendo, como que

com d6res agudas. Esturriissima era a noite, e a chuva vinha augmentar o seu horror; precipitando-se com forca desusada sobre a terra. A's vezes um surdo rumor tirava a monotonia desse terrivel espectaculo, erãõ algumas pedras, alguns troços de arvores que a forca da tempestade arrancava a seus logares, e rolava pelos immensos precipicios.

Os raios não faltavãõ, e a natureza inteira mostrava-se irritada contra os homens. Algum grande crime terião elles commettido?

Adolpho achava-se deitado em um rancho chamado pelos viajantes do alto da serra. Elle estava estepefacto á vista de tal espectaculo, e admirava com enthusiasmo o poder do Creador. E seu pensamento, como que transferindo-se para logares mais bellos, para noites mais felizes, para espectaculos mais encantadores, lhe trazia a reminiscencia dos sonhos da sua infancia, dos seus amores.... Elle ainda pensava nella!

Pouco a pouco foi-se abrandando a tempestade; e cessou a chuva. E, neste momento, passou um homem a cavallo, acompanhado por um pagem, e ia descendo a serra.

— Audacioso! disse Adolpho, assim zomba do poder de Deus a misera creatura! Assim se atreve esse homem a não respeitar a desordem da natureza, e a arriscar-se, no meio da noite te-

nebrosa e funebre, a perder-se pelos preeipicios que se encontrãõ a cada passo nesta estrada! Oh! Essa imprudencia commetteria eu, mas só se ella m'o ordenasse!... Ella! sempre ella! Para que, ó meu pensamento, me has de sempre recordar os antigos e felizes momentos! Minha alma está cansada de espectaculo; basta, deixa-a tranquilla e pacifica!

E, alguns minutos depois, ouvia-se um grito, como que escapado a uma pessoa em criticas circumstancias, em apuro de vida; um desses gritos dolorosos que exigem prompto socorro... Adolpho levantou-se, chamou seu pagem, lançou mão de umas pistolas que trazia nos coldres do selfim, e, sem receio, sem temor, precipita-se fóra do rancho, corre para o lado d'onde parecia vir a voz que o chamava, e desaparece breve.

Foi triste a scena que elle presenciou; luctava um homem contra tres assassinos; o sangue lhe corria a jorros de uma ferida; a seus pés estava morto um cavallo, atravessado por uma bala. A alguns passos d'ahi corria um escravo gritando e pedindo socorro. Adolpho e o seu pagem lançõ-se no meio do combate; os assassinos fogem, e o homem cahiu desfallecido..... Esse homem era Frederico; esposo de Maria e rival de Adolpho!!!  
(Continúa.)

## POESIA.

### BALLADA.

#### AISOLINO E ISOLINA.

##### CANTO I.

Trotava ao clarão da lua  
No seu mais negro corseel  
Cavalheiro desditoso,  
Tãmbem amante infiel.

Jã tinha deixado o pagem,  
Nem d'elle querer sabia;  
Por debaixo da couraça  
Seu peito triste batia.

Com a viseira cahida,  
As armas de negra c6r,  
Infundindo á todos ja  
Geral respeito e terror.

De quando em quando do peito  
Longo suspiro tirava,  
Mas logo sobresaltado  
Ao seu silencio tornava.

##### CANTO II.

Arruinado castello  
N'um erro se eregia,  
No qual a grande ruina  
Da mão do tempo se via.

Outr'ora já foi feliz,  
Outr'ora já foi ditoso,  
Quando o velho castellão  
Se julgava venturoso.

Jã teve pagens, criados,  
Lindos cysnes e pavões,  
Mas hoje do seu passado  
Só possui recordações.

##### CANTO III.

Longos annos são passados  
Em que da desgraça a mão  
Afastou desse castello  
Joven, extremoso infancia.

Convidado á Palestina  
Pelas leis de cavalleiro,  
Partiu, enristou a lança,  
Primo dever de guerreiro.

Aisolino amava então,  
E na hora da partida  
Jurou eterna constancia  
A' sua bella querida.

Ella chorosa em seus braços  
Entre soluços jurou  
Ser fiel a seu amaufe,  
Seu juramento guardou.

« Aisolino, ella dizia,  
« Não deves te arreitejar,  
« Juro amar-te com ternura,  
« Minha firmeza mostrar.

« Porém, querido guerreiro,  
« Meu caro... meu Aisolino,  
« Meu coração me prediz  
« Um máu, terrível destino. »

Offendido o cavalleiro  
Por ouvir tal confissão,  
Tirou o pesado elmo  
E disse á querida então :

« Juro á fé de cavalleiro,  
« De ser-te sempre leal;  
« Se quebrar meu juramento  
« Tenha uma morte fatal.

« Minha lança não se enriste,  
« Meu corcel não me obedeça,  
« Meu elmo role por terra,  
« Com elle minha cabeça.

« Minha idéa entre guerreiros  
« Seja tida com horror,  
« Passe por fraco, covarde,  
« Por cavalleiro traidor. »

Despediu-se de Isolina,  
Beijou-lhe a mimosa mão,  
Partiu do nobre castello,  
Dez horas soava então.

CANTO IV.

Galé sulcando ligeira  
Bravo mar logo partiu;  
Nella seguiu um guerreiro,  
Nella Aisolino seguiu.

Levava no seu escudo  
Motte por elle gravado  
Cujas letras só dizião  
« Ser fiel, tenho jurado. »

CANTO V.

Partido havia Aisolino  
O cavalleiro infiel,  
Isolina desditosa  
Julgava tal-o fiel.

Tinha presente na idéa  
Seu ar nobre e magestoso,  
Presente na idéa tinha  
Seu juramento horroroso.

A pura, casta Isolina,  
Que o amava com ternura,  
Não suspeitava Aisolino  
Capaz de quebrar a jura.

« Elle me ama, dizia,  
« Ser delle tambem eu juro,  
« A fria morte consuma  
« Aquelle que for perjuro.

« Nem pôde um bravo guerreiro  
« Igual ao meu Aisolino  
« Zombar da fraca donzella  
« Que lhe entregou seu destino.

« Cavalleiro que tal ousa  
« Sua dama atraigoar  
« Não é, não é cavalleiro,  
« Não sabe as armas honrar.

« O meu honra sua lança,  
« Dá brazão á sua espada,  
« Guia afouto o seu ginete  
« Pela gloria sublimada.

« Quando farto de victorias  
« Vier lá da Palestina  
« Ha de apertar em seus braços  
« Sua fiel Isolina.

« A' meus pés ha de depôr  
« Seus tropheos, e louros seus;  
« Ha de dizer-me: Isolina,  
« Por ti os ganhei, são teus.

« Vem conmigo, minha bella,  
« Vem, á face do altar,  
« Vem c'róar nossa ventura,  
« Nossos amores c'róar. »

Isolina, a mui constante,  
Esses pensamentos fazia...  
Ah! triste! distante estava  
Do futuro que antevia.

(Continua.)

## BOLETIM MUSICAL.

Pouco tenho a dizer-vos hoje, queridas leitoras, a respeito de musica, pois que a semana foi toda de bailes, e nenhuma publicação se fez digna de reparo. No entanto devo recomendar-vos a bella e animada quadrilha — *Le Sylphe* —, por Longevilla, que muito tocada foi durante estes dias; e igualmente a graciosa valsa — *D. Sabina* —, que é linda e coquette, mesmo como uma Hespanhola. Tanto a quadrilha como a valsa já foram publicadas, e vende-se em casa do Sr. Salmon, rua dos Ourives n. 60.

Tambem a quadrilha — *A Russiana* — foi tocada em alguns bailes, e ouvida com geral agrado, pois que ella é por demais encantadora para não fascinar com a sua animada musica. Esta quadrilha vende-se em casa do Sr. Coelho, rua do Divisor, esquina da dos Ourives. Nesta mesma casa vende-se a formosa valsa — *A Flor da Esperança* —, composição da distincta Mineira a Sra. D. Francisca Pinheiro de Aguiar, e offerecida ao Sr. Innoçencio Rego; valsa cuja primeira edição tinha sido esgotada, e que se acha agora reimpressa.

E' tambem digna de existir sobre a vossa estante de musica, imperando como uma rainha soberana, a mimosa arieta sobre Marco Spada — *Vous pouvez soupirer*. E' linda como os labios de uma moça formosa, e tem encanto como o primeiro beijo de amor. Vós a achareis em casa do Sr. Salmon.

Devo dizer-vos, queridas leitoras, que o Sr. Francellino de Moura é um grande talento musical; uma noite destas o ouvimos na sua divina rabeça executando bellas e difficeis variações, que nos parecerão cousas sobrenaturaes. Erão os queixumes de uma alma angustiada, os suspiros de um saudoso coração, os trinado do nosso sabiá, o serpear dos nossos regatos, e o sussurro dos nossos palmiteiros! Quem o ouvisse, tão senhor de seu instrumento, vencendo as difficuldades, que outros antes delle o havião feito — *maestros* estrangeiros, saudaria, como nós, entusiasmada, a esse talento musical nascido nas margens do nosso formoso Beberibe.

Joanninha.

### Anecdota.

Certa senhora, que tinha o pé bastante grande, mandou chamar um sapateiro, dono de um immenso nariz, para lhe fazer uns sapatos: ao apresentar-lhe o pé, o mestre recuou dizendo—Safa! como é comprido! — A dama disfarçou; e quando o mestre puxava pela craveira, ella lhe disse, com ar muito risonho: — Não se incommode, Sr. Agostinho; pôde retirar-se, pois no seu nariz leva a medida do meu calçado.

De todos é logar mui conhecido,  
E' dos filhos de Christo respeitado;  
Homem! Curva-tê, adora-o, pois um dia  
Ali foste da culpa resgatado!!

R.

Sou pronome primitivo;	1
Sou da musica tambem;	1
E de Labão sou a filha	
Mais feia d'entre as que tem.	2

A qualquer moça  
Me podem dar.  
Logo em pequena  
No baptisar.

### CHARADAS.

Se o alvejar das cãs inculca idade,  
Adorno da velhice eu sou às vezes;  
Os rapazes que outr'ora me insultarão  
Sofrerão pela injuria mil vezes. 2

Na carreira veloz qual raio aceso,  
Do monte me despeño com furor;  
Ditoso o viajante, que na Arabia  
Em mim refrigerasse o seu ardor. 2

Das theologaes uma sou;	1
Assim fiz quando estudei;	1
Se fallar, alguém chamando, Desta maneira chamei.	2

Por feminino:  
Nunca me tomem  
Mas por usado  
Nome de homem.



Acompanha este n.º 50 duas estampas com figurinões de baile e de passeio.